

**ACEPÇÕES DO CONTEMPORÂNEO:
o convite à leveza e ao cansaço**

**CONTEMPORARY MEANINGS:
*the call for lightness and tiredness***

Francisco Jadson Silva Maia*
Luzia Cristina Lopes Almeida**
Lídia Raquel Herculano Maia***
Alexsandro Galeno****

Resumo

O presente trabalho expõe os desdobramentos da civilização da leveza, como cunha Gilles Lipovetsky (2016), o tipo atual de projeto civilizatório e suas representações em circuitos midiáticos, articulando especialmente questões referentes à produção, à cultura e ao trabalho. Leveza e liquidez assinalam conjuntamente a precariedade e a insegurança, mas também se contrariam, pois Lipovetsky (2016) e Zygmunt Bauman (2001) parecem divergir sobre a incursão do prazer frente ao trabalho e dos possíveis ganhos civilizatórios desse contexto. Em tempo, a emergência de um capitalismo criativo, transestético estabelece uma economia do leve que dá à cognição e à subjetividade papéis centrais na elaboração de produtos e serviços. Nesta perspectiva, as considerações de Lipovetsky (2016) e Byung-Chul Han (2015) atuam conjuntamente e oferecem uma análise que verifica o caráter esquivo e ambíguo das transformações técnicas atuais, apresentadas tanto nos objetos ultraleves quanto nas implicações de desempenho e de cansaço do trabalho na contemporaneidade. Com enfoque predominantemente teórico, esses aspectos relacionados à leveza e ao cansaço são aqui discutidos tendo como base a obra de Lipovetsky e o olhar para as representações desses fenômenos em espaços midiáticos hegemônicos, como a *Veja* SP.

Palavras-Chave: Civilização da leveza. Cansaço. Trabalho. Lipovetsky.

Abstract

The present work exposes the unfolding of the civilization of lightness, as conceptualized by Gilles Lipovetsky (2016), the current type of civilization project and its representations in media circuits, especially articulating issues related to production, culture, and work. So, lightness and liquidity jointly indicate precariousness and insecurity, but they also contradict each other, since Lipovetsky (2016) and Zygmunt Bauman (2001) seem to differ on the incursion of pleasure in the workplace and the possible civilizing gains of this context. In time, the emergence of a creative, transesthetic capitalism establishes a light economy that gives cognition and subjectivity central roles in the elaboration of products and services. In this perspective, the considerations of Lipovetsky (2016) and

* Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Estudos da Mídia (UFRN) e Especialista em Propaganda e Marketing na gestão de marcas (UFRN). Membro do Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura – Marginalia (UFRN) e Gemini (UFRN). E-mail: jadsonmaia@ufrn.edu.br

** Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bacharel em Comunicação Social, com habilitações em Radialismo e Jornalismo (UFRN). E-mail: cristinaalmeida1313@gmail.com

*** Professora substituta do Curso de Relações Públicas da UFPB. Doutora em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, com estágio doutoral na Florida State University. Mestre em Estudos da Mídia pelo PPGEM da UFRN. Membro dos grupos de pesquisa em Miatização e Processos Sociais (Unisinos) e Gemini (UFRN). E-mail: lidiarihmaia@outlook.com

**** Professor associado da UFRN e do Instituto Humanitas (IH/UFRN). Mestre em Ciências Sociais pela UFRN e Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Coordenador do Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura – Marginalia (UFRN). E-mail: alexgalenno@gmail.com

Byung-Chul Han (2015) act together and offer an analysis that verifies the elusive and ambiguous character of current technical transformations, presented both in ultralight objects and in the implications of performance and tiredness of contemporary work. With a predominantly theoretical focus, these aspects related to lightness and tiredness are discussed here based on the work of Lipovetsky and the look at the representations of these phenomena in hegemonic media spaces, such as *Veja* SP.

Keywords: Civilization of lightness. Tiredness. Labor. Lipovetsky.

Introdução

Este é o tempo da revanche do leve – um leve admirado, desejado, que captura sonhos, mensageiro de enormes promessas e também de terríveis ameaças.

Gilles Lipovetsky

A contemporaneidade, em certo sentido, é um tema que atravessa de modo oblíquo a obra do filósofo Gilles Lipovetsky. Em suas elaborações, as múltiplas facetas de uma sociedade que emergiu da segunda revolução moderna ganham os contornos de hipermodernidade, que põe em discussão talvez novos dilemas, crises, subjetividades que esculpem a existência do indivíduo no contemporâneo, sempre apresentado em meio a escolhas árduas como os requintes que envolvem o hiperindividualismo emergente pelo atual grau de uma sociedade do consumo.

Um traço distintivo do pensamento de Lipovetsky é realizar uma leitura mais complexa e menos unívoca da realidade, sobrepondo aspectos do imaginário, dos valores, do existencial, da sociedade de hiperconsumo. Assim, com as análises da era do vazio, do efêmero, da felicidade, da moda, da estetização e, mais recentemente, da leveza, o filósofo faz uma descrição e uma profunda análise dos fenômenos, que desembocam num panorama do presente.

Preocupado em superar os antagonismos tradicionais entre os antigos e os modernos, Lipovetsky, em seu mais recente trabalho, *Da leveza* (2016), nos apresenta a *leveza* como uma inferência fundamental para a compreensão da hipermodernidade. No âmago da teoria da hipermodernidade, a leveza se revela sob o culto do *micro*, do *leve*, do *miniaturizado* e do *nano*, mas também o contínuo interesse em bem-estar, conforto e praticidade – que agora são cada vez mais presentes e elementares na atividade humana.

Vale destacar que, para Lipovetsky, a hipermodernidade é o termo que melhor mensura as transformações que se dão, simultaneamente, na economia e na vida das pessoas, como argumenta em *Os tempos hipermodernos* (2004), em coautoria com Sébastien Charles. Com o prefixo hiper, ele quer deixar evidente que a modernidade chega ao seu arremate através da globalização do liberalismo e da revolução informática. Esses elementos estão em profunda relação com outros acontecimentos, como o protagonismo que atinge a economia de consumo e a comunicação de massa, que ventila novos valores, mais fluidos e atraentes, para a sociedade. Apesar de sinalizar que a hipermodernidade tem origem ainda nos anos 1980, a leveza já estava incluída no seu rol de valores fundamentais e operava em detrimento de tudo que remetesse às imposições disciplinares.

Da arte aos objetos de decoração, das tecnologias aos gêneros literários, das máquinas ao corpo humano: tudo parece ser pautado pelo leve na hipermodernidade. Assim, o curto, o suave, o pequeno, o sem peso e o ligeiro são características e experiências louváveis ao mesmo tempo que intimamente desejadas. No espírito do tempo que corre, o espaço para o leve e para o desprezioso alcançam novos e inéditos horizontes de atuação e representação midiática.

Lipovetsky, ao se debruçar sobre o viés da leveza, analisa que a grande utopia existente seria a da leveza total. Isso estaria fundamentalmente no horizonte intrínseco e extrínseco do indivíduo. Para início de análise, o autor faz referência ligeira a Ícaro, personagem da mitologia grega. O jovem, ansioso para se livrar da prisão labiríntica em Creta, fabrica asas, junto com seu pai e companheiro de cárcere Dédalo, se utilizando de cera de abelha e plumas de gaiivota. Dédalo conseguiu fugir, mas a mesma sorte não teve seu filho que, ignorando os conselhos dele de não alçar voo tão perto do sol (por causa do calor, do mar ou da umidade), mergulhou tragicamente no Mar Egeu.

Ícaro precisava voar, mas entorpecido com a oportunidade de se elevar aos céus, desobedeceu aos reclames de seu pai. O mito de Ícaro traz à tona uma perspectiva instigante para a compreensão de como o sonho de voar é transversal e imemorial, sendo presente em diversas sociedades, bem como está presente em diversas crenças religiosas. A aspiração de leveza acompanha o homem há muito, não é certamente uma novidade. Porém, para Lipovetsky, foi no contemporâneo que ela ganhou protagonismo. Assim, o encanto da leveza investe Jesus que andou sobre as águas e ainda Buda que levitou, mas adentra também o universo das máquinas modernas elaboradas com o propósito de alçar voo, como bem encarna o aeronauta, esportista e inventor brasileiro, Santos Dumont, em seus dirigíveis.

Como fica nítido aqui, a leveza deixa cada vez mais de ser um valor intangível ou difícil de ser atingido e passa mesmo a constituir uma realidade. Conforme averigua o autor, não se trata da leveza em um único sentido, mas é o espalhamento da leveza que se faz sentir em cristalizações diversas, como na moda, na arquitetura, nos novos materiais, nos relacionamentos interpessoais ou no gosto pelo bem-estar e pela recreação.

Então, Lipovetsky (2016) nomeia os diversos tipos de leveza: a leveza-mobilidade, responsável por recursos que auxiliam na evasão de quem os utiliza, incorporada tanto nas tendas dos povos tradicionais como no *container* de lojas e moradias urbanas, comumente retratadas em documentários e séries de plataformas de *streaming*, como Netflix, mas também presente na pesquisa contínua por novos materiais, que entregam mais desempenho e menos peso, e no nomadismo digital da Internet; a leveza-distração é responsável pelos momentos em que as regras da coletividade dão lugar parcialmente à diversão e ao descanso; e a leveza-frívola ganha a moda, no gosto vaidoso pelos detalhes ínfimos. Ela é, acima de tudo, o interesse pelo efêmero, pela aparência, pelo que já está à vista, mesmo que de longe; já a leveza-sabedoria apresenta-se na união entre filosofia e budismo, que pode oferecer um bem-estar psicológico e discernimento em momentos de reflexão, contemplação e exercício.

Com efeito, a leveza analisada por Lipovetsky não paira nos meandros da metafísica, mas sim nas expressões concretas de uma civilização que a estima e a deseja cada vez mais. Para além do papel que as mitologias desempenharam nas perspectivas da natureza humana, percorrendo o sonho de ganhar o céu, esse mito sobrevoou como um espectro o conjunto de ensaios de Lipovetsky sobre a hipermodernidade, que sugere a todo momento a emergência de uma civilização da leveza.

Para o filósofo, a civilização da leveza se torna mais evidente à medida em que um conjunto de forças estruturais da hipermodernidade passam a ser pautadas pelos princípios do leve. A leveza da hipermodernidade se faz sentir nas características técnicas, sociais e culturais capazes de transformar os modos de vida. Levezas sempre no plural, dada a sua múltipla e contingente aparição nas linhas de expressão da hipermodernidade.

A leveza é a superfície polida dos *gadgets* e de seu peso tímido, a ausência de fios e a mobilidade que lhe é intrínseca, mas também a procura contínua de tornar a existência menos apregoada dos deveres pessoais e profissionais, na qual o *yoga*, o *feng-shui* e a meditação têm espaço cativo e são importadas do Oriente pelo Ocidente para cumprir um arquétipo de felicidade.

Com efeito, a figura de Ícaro parece captar ao mesmo tempo o sonho e a decepção que agora tangem simultaneamente a civilização da leveza. As asas parecem ter caráter ambíguo e incerto. Ora sonho, ora pesadelo. A despeito das asas, o peso do passado e da tradição insiste, o pecado e a culpa afinal pesavam muito na Idade Média, a racionalização do Iluminismo pesou e pesa nas certezas que norteiam o pensamento, o processo de individualização pesa nos ombros de cada um.

Ademais, o que seria o ato de voar perto do sol a ponto de queimar as asas senão a crença ingênua no progresso e na técnica? Essa postura, de voar alto e célere demais, é acompanhada pela avidez de acessar o presente em sua completude, pela urgência de vivê-lo de maneira intensa, sem a gravidade do futuro. É a existência pesada tão característica da civilização em curso que a leveza tenta a todo custo dissipar.

Com enfoque predominantemente teórico, esses aspectos relacionados à leveza e ao cansaço são aqui discutidos tendo como base a obra de Lipovetsky e o olhar para as representações desses fenômenos em espaços midiáticos hegemônicos, como a *Veja* SP. Destarte, este trabalho se desenvolve com um viés ensaístico e analisa – apenas com o intuito de exemplificação das conceituações aqui abordadas – o conteúdo das falas proferidas nas entrevistas apresentadas em uma matéria da *Veja* SP. Em dezembro de 2019, essa revista acabou sendo alvo de discussões e deboche em redes sociais, por apresentar as contradições e idiossincrasias da classe alta que frequenta e trabalha na Avenida Brigadeiro Faria Lima, comparada no texto analisado ao Vale do Silício estadunidense, por sua intensa atividade financeira e empresarial (SOARES; ROSARIO, 2019). Os “Faria Limers” (frequentadores dessa avenida, que são assim denominados pela *Veja* SP) formam um universo predominantemente masculino (65%) de trabalhadores, que recebem

altos holerites e transitam numa região onde se localizam as maiores empresas e tem o metro quadrado mais disputado da cidade.

As entrevistas, realizadas pelas repórteres Ana Carolina Soares e Mariana Rosario (2019), demonstram que o estilo de vida leve e bem-sucedido que intentam aparentar contrasta com indícios de uma rotina pesada, que os leva a habituar-se com insônia e gastrite, por exemplo.

Assim, será realizada uma análise de conteúdo (BARDIN, 2009) da matéria de capa intitulada “Os Faria Limers”, publicada em 13 de dezembro de 2019, junto a outros exemplos de textos midiáticos, apenas para exemplificar os paradoxos que envolvem a sociedade da leveza. A proposta é utilizar as falas coletadas no microcosmo abordado nessa matéria para ilustrar aspectos relacionados ao novo capitalismo, que se pretende leve e criativo. O foco, portanto, é a discussão da ambiguidade entre leveza e cansaço na contemporaneidade, com base na obra de Lipovetsky. Este texto não se caracteriza, assim, como um estudo de caso ou análise de estilo de vida de um grupo de executivos – o que demandaria métodos, procedimentos e abordagens diferentes do que é proposto neste ensaio. Esperamos, todavia, que as discussões aqui levantadas possam ser estimuladoras de novas investigações nesse sentido.

Entre a liquidez e a leveza, as aspirações da modernidade

A civilização da leveza traz o leve como um princípio de organização social e o apresenta como um valor que orienta permanentemente as atividades atuais do social. No entanto Lipovetsky lembra que a leveza era antes apenas um princípio admirado e almejado exclusivamente nas artes e que uma longa tradição de intelectuais a negligenciou, o que explica o fato de a leveza permanecer praticamente oculta na filosofia antiga. De mesmo modo, em *O império do efêmero*, Lipovetsky (2009) critica o pouco interesse pelo fenômeno da moda, que tem seus fitos constitutivos apropriados pela dinâmica do capitalismo contemporâneo. O autor parece estar sempre nos trilhos do frívolo e do banal, desconfiado de que a vulgaridade guarda uma dimensão importante para a compreensão do nosso tempo e que ela é capaz de constituir, assim, uma era, um império.

O leve, portanto, passa a orientar o mundo, por um lado, implicando materiais leves, fluidos e mobilidade e, por outro, busca-se viver de forma leve, o bem-estar, a realização de si. Essa busca revela-se nas *selfies* e retratos do cotidiano, que são cuidadosamente pensados para entrar em circulação nas redes sociais e expressar o estilo de vida leve, descontraído e feliz dos sujeitos que nelas criam uma representação de si. E é também estimulada em materiais audiovisuais produzidos por amadores para plataformas como o YouTube; em séries documentais de plataformas de *streaming*, como Netflix (que tem como principal exemplo o *reality Tiny House Nation*, que mostra a construção de minicasas, com ênfase para aquelas sobre duas rodas); e em textos de veículos jornalísticos. Em uma rápida busca pelas palavras-chave “estilo de vida leve”

no Google, principal buscador do mundo, podemos encontrar matérias de veículos como G1¹, Zero Hora² e Casa e Jardim³. O interessante é que a matéria publicada no primeiro veículo mencionado se trata de conteúdo produzido por um anunciante, o Parque Memorial Japi, que incluiu em suas “9 maneiras de levar uma vida mais leve” a necessidade de desapego de coisas materiais e a conexão com a natureza, através da visitação aos parques que o mesmo administra, para que se alcance a busca pela tão sonhada leveza. Assim, por vezes, o próprio mercado aponta a ambiguidade presente na civilização da leveza, que opera ora no estímulo ao consumo, ora no apelo ao desapego.

Assim, a leveza se revela como um itinerário civilizacional que investe os objetos ultraleves e dá a tônica de como deve ser a experiência individual perante o mundo. A leveza conduz a uma sensação, a um imaginário, a uma maneira particular de lidar consigo, com os objetos e com o mundo, e se instaura como modo de funcionamento econômico e de cultura global.

É o universo da frivolidade, antes desvalorizado e representado pelo jogo, pelo lúdico, a vida superficial e sua corrida aos prazeres sempre novos, a espelho da moda, que agora entra em cena como uma leveza fundamental da vida prosaica contra o drama existencial. Eis onde salta o paradoxo: quanto mais a sociedade segue a lógica do leve, do veloz, mais a existência se torna pesada. A leveza, na época atual, tem conexão direta com os hábitos de consumo, que atuam conjuntamente com outras forças do leve para aliviar as pressões psicológicas da rotina.

A ironia hipermoderna é que a civilização da leveza não corresponde à uma vida leve. Por mais que o leve se faça sentir, os orçamentos familiares se tornam apertados, o desemprego avança, os contratos de trabalho são rarefeitos, a mobilidade é um imperativo, as atividades, antes de puro lazer, se tornam pesquisas extenuantes, a vigília em torno da saúde e o processo de medicalização são intensificados. Assim:

[...] A civilização do leve significa tudo, menos viver de forma leve. Pois ainda que as normas sociais vejam seu peso diminuir, a vida parece mais pesada. Desemprego, precariedade, casamentos instáveis, agenda sobrecarregada, riscos sanitários – podemos perguntar o que, atualmente, não alimenta o sentimento de peso da vida. Por todo lado se multiplicam os sinais de desamparo, das novas faces do “mal-estar na civilização” (LIPOVESTSKY, 2016, p. 21).

1 Parque Memorial Japi. 9 maneiras de levar uma vida mais leve. **G1**, 13 jul. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/especial-publicitario/parque-memorial-japi/a-natureza-acolhendo-lembrancas/noticia/9-maneiras-de-levar-uma-vida-mais-leve.ghtml>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

2 LUPION, Raquel. Veja 20 hábitos simples para você adotar no dia a dia e melhorar sua qualidade de vida. **Zero Hora**, 08 dez. 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/fitness/noticia/2018/10/veja-20-habitos-simples-para-voce-adotar-no-dia-a-dia-e-melhorar-sua-qualidade-de-vida-cjpmgeqn0005t0cne72bqbah.html>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

3 OLIVEIRA, Julyana. 11 maneiras de tornar a vida mais leve. **Casa e Jardim**, 20 fev. 2017. Disponível em: <<https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Dicas/noticia/2016/10/11-maneiras-de-tornar-vida-mais-leve.html>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Engendrada na contemporaneidade, a civilização da leveza é paradoxal e expõe suas premissas em faces multiformes. A leveza no viver deriva de uma lacuna não compreendida até aqui. Talvez a intensa procura pela leveza seja uma maneira de lidar com a frustração ao ver que a libertação e a revolução não se concretizaram. A leveza aqui deve ser compreendida como um estado universalmente desejado, de alcunha antropológica mesmo.

Essa procura pelo leve pode ser percebida nas ainda práticas dos chamados Faria Limers. Sede de gigantes – como Bradesco, Itaú, BTG Pactual, XP Investimentos, Credit Suisse, Google e Facebook, além de dezenas de *assets* (gestoras de investimentos) – a Avenida Faria Lima é o espaço onde transitam profissionais de alto poder aquisitivo, que operam bolsas e investimentos em ritmo frenético. Todos os entrevistados na matéria demonstraram contentamento por seus soldos, que em muito superam a média salarial brasileira, mas ao mesmo tempo demonstraram altas cargas de stress e esgotamento, que lhes parecia normal ao ofício. As fotos que demonstravam homens e mulheres bem vestidos, em posições que denotavam sucesso e bem-estar, contrastavam com os discursos reveladores de fadiga e cansaço (Fig.1).

Figura 1: Representações de sucesso e bem-estar em Veja SP



Fonte: Soares & Rosario, 2019 (On-line)

Um dos entrevistados chega a confessar: “É um dia a dia puxado, temos gastrite, insônia, mas no fim a gente se acostuma” (SOARES; ROSARIO, 2019). Diante disso, a matéria aponta que alguns apostam na meditação, em exercícios físicos, alimentação saudável, dispositivos tecnológicos que facilitam tarefas corriqueiras, meias ultracoloridas – que revelam a busca pela ludicidade – e formas de transporte mais alternativas, como bicicleta e patinete.

Desse modo, há uma *virada do leve* em que ele sai parcialmente de uma posição abstrata, evocada pela filosofia, pela religião, pelo xamanismo ou ainda por outras *tecnologias da leveza interior* e abraça de vez o hiperconsumo que, a partir da experiência junto aos objetos, conduz ao desfrute do conforto e do prazer (LIPOVESTSKY; SERROY, 2015). Esse é o ponto de partida de todos os desdobramentos cabíveis à civilização que tem na leveza seu vigor e, para fins exclusivamente analíticos, marca uma cisão entre antigos e modernos.

Com efeito, a virada do leve, oportunizada pela expansão das economias de consumo no século XX, expõe duas faces da mesma moeda: a leveza-detox encenada, por exemplo, pelos momentos de descanso ou pela prática das disciplinas físicas e mentais orientais, que se coaduna com a leveza consumista que é toda a comodidade do bem-estar material. Além disso, assinalam o avanço de uma cultura que deseja a todo tempo o prazer permanente.

Dentro das categorias de análise utilizadas por Lipovetsky, (leveza aérea, leveza-mobilidade, leveza-distração, leveza-frívola, leveza-inconstante, leveza-estilo e leveza-sabedoria) a leveza-frívola seria a dominante, e o seu oposto estaria no aporte da leveza-sabedoria, crítica enfática da sociedade do hiperconsumo e caracterizada pela procura pelas espiritualidades antigas, como o budismo. A leveza-sabedoria não seria mais o ideal antigo de felicidade, isso ele chama de leveza-serenidade, um estado de alma aliviado pelo peso das coisas, a tranquilidade da alma. Tal arquétipo, esse interesse despertado pelas espiritualidades antigas, não é de origem ocidental. O desejo de desacelerar é extraído do oriente.

Lipovetsky destacou a revolução hipermoderna do leve, como a passagem da civilização do peso para civilização da leveza. Essa dinâmica de haver no passado uma sociedade marcada pelo peso e no presente uma sociedade do leve, já foi percebida pelo sociólogo Zygmunt Bauman (2001), na virada do século XX para o XXI. Ambos os autores estão preocupados, portanto, com as vertigens da modernidade. Lipovetsky cita rapidamente Bauman, quando quer tratar da mudança de uma primeira modernidade, baseada no moralismo, na rigidez e nas convenções sociais, para a de uma segunda modernidade, que articula em suas bases a liquidez e flexibilidade.

Seguindo esse fluxo, Lipovetsky diz que a hipermodernidade se caracteriza pela inconstância, pelo efêmero, pela tenacidade das transformações rápidas, o espelho da dimensão da hipermodernidade do capitalismo contemporâneo. Associada à metáfora da liquidez ou fluidez, Bauman concebeu à epistemologia da sua teoria as nuances do líquido e tingiu assim a modernidade. Assim, Bauman (2001) conjecturou esse cenário volúvel do leve, previamente a Lipovetsky, traçando a relação entre liquidez e leveza, que podem dar conta do que se presencia:

A extraordinária mobilidade dos fluidos é que os associa a ideia de “leveza”. Há líquidos que, centímetro cúbico por centímetro cúbico, são mais pesados que muitos sólidos, mas ainda assim tendemos a vê-los como mais leves, menos “pesados” que qualquer sólido. Associamos “leveza” ou “ausência de peso” à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos (BAUMAN, 2001, p. 8).

Bauman intitulou a modernidade passada de era do *hardware*, parte da história que acabou com a dissolução dos sólidos, traço permanente da modernidade, e fez surgir a era *software* ou a da modernidade leve. A primeira é bem semelhante à ideia posta por Lipovetsky (2016), da modernidade denominada “pesada”, que tinha como característica geral, o “maior”, o volume, as máquinas que pesavam toneladas, os amplos muros das fábricas fordistas, as locomotivas colossais, transatlânticos faraônicos, projetos que despendiam numerosa mão de obra e demarcações de territórios. Tamanho era sinônimo de poder e riqueza.

A segunda modernidade, para Bauman, é a do capitalismo *software*, a era leve, em que impera a volatilidade, a mobilidade, a supressão do espaço e tempo, o desenraizamento, a instantaneidade e a relação íntima com o consumidor – cuja afinidade consumista, Lipovetsky e Jean Serroy (2015) inscrevem como democratização do consumo, o hiperconsumo. No livro de Bauman, *Modernidade Líquida* (2001), aparece o exemplo de um emprego na empresa *Microsoft*, que não poderia mais ser chamado de uma carreira, seria como um trabalho sem corpo, que não evoca uma trajetória profissional firme. A organização não condiz com o fordismo, as relações são estabelecidas por pressões de espaço e tempo flexíveis.

Assim como Lipovetsky que remete a expressões da *guerra do leve contra o pesado*, numa breve menção ao filósofo Peter Sloterdijk, Bauman constata, em algumas passagens, a derrota do pesado, quando se trata de gigantescas plantas industriais e corpos volumosos, que antes representavam a configuração do poder e da força dos donos do capital. No momento dessas considerações realizadas por Bauman, as redes sociais digitais ainda não tinham uma primazia, quase absoluta, como se acompanha hoje, mas o sociólogo já apontava o movimento de desmaterialização da vida em todos os seus âmbitos.

Nessa mesma perspectiva, Lipovetsky (2016) aponta resultados semelhantes tendo em vista que a fluidez, a liquidez e a leveza convergem para o hiperindividualismo e para o nomadismo digital. Bauman, por sua vez, já havia percebido a popularização dos dispositivos *high-tech*, dos aparelhos de celular, o padrão do corpo leve, a revolução da leveza-mobilidade (que na matéria aqui analisada, da Veja SP, é exemplificada pelo uso dos patinetes, um dos menores meios de transporte existentes), dos produtos miniaturizados e multifuncionais.

Corpo esguio e adequação ao movimento, roupa leve e tênis, telefones celulares (inventados para o uso nômades que têm que estar “constantemente em contato”), pertencentes portáteis ou descartáveis – são os principais objetos culturais da era da instantaneidade. Peso e tamanho, e acima de tudo a gordura (literal ou metafórica) acusada da expansão de ambos, compartilham o destino da durabilidade. (BAUMAN, 2001, p. 148-149).

As análises de Bauman (2001) e Lipovetsky (2016) dão as mãos especialmente quando relatam sobre a dimensão que o consumo ocupa, seja na modernidade líquida ou na civilização da leveza. Nas duas, o consumo parecer ter permeado tudo e a amplitude deste fenômeno fez surgir

em todos um consumidor, que é compreendido sob as nuances de nômade digital, zapeador, *cool* e transestético. Os movimentos da modernidade são, portanto, facilmente versados com o movimento do consumo.

Nesta perspectiva, talvez Lipovetsky (2016) com sua civilização da leveza reconheça mais os ganhos civilizatórios que a expansão das economias de consumo acarretou, que para além do conforto, se apresentou como uma possibilidade de afirmação individualista, democrática e sobretudo de prazer e bem-estar. Assim, acaba por reconhecer que a sensibilidade deste sujeito-consumidor foi menos degradada que acalentada. A leveza deixa de ser apenas um elemento evocado exclusivamente ora pela filosofia, ora pelas festas e passa a encorpar o jogo onipresente do hiperconsumo. A partir daqui há uma virada do leve, isto é, a leveza de espírito agora é consubstanciada pela experiência do consumo. O ato de consumir parece embotado do leve, sendo capaz de dar ao homem, ao menos parcialmente, experiências ligadas à felicidade e ao hedonismo, mas também de preenchê-lo de ludicidade, em detrimento de sensações de repressão e de falta tão características de outrora.

A virada do leve e o convite à leveza e ao cansaço

Se a sociedade do consumo remete a uma noção simplista de um individualismo egoísta e ao reino dos *shoppings centers*, Lipovetsky (2016) acredita que esses argumentos sustentam apenas os estereótipos politicamente corretos, defendidos a partir dos anos 1960. Assim, Lipovetsky e Serroy (2015) propõem que o hiperconsumo não resguarda um hiperindividualismo baseado em distinção simplesmente, mas também considera que o ato de consumir, levando em consideração as dinâmicas do *capitalismo criativo, transestético*, é permeado por sensações, como o conforto e a praticidade, que podem indicar uma vida mais leve.

Nesta perspectiva, o hiperconsumo engendra a leveza também sob a dinâmica lúdica do *layout* de loja, *visual merchandising*, das embalagens, do design. O consumo na era do capitalismo criativo e transestético é também uma experiência sensorial e, sobretudo, afirmativa de si. É notório que a leveza-frívola do consumo atua na uniformização dos modos de vida, de modo que a globalização econômica, a hegemonia de certas marcas e a massificação são fenômenos que não podem ser ignorados. Na matéria de Veja SP, essa massificação se apresenta pelo padrão de vestimenta adotado pelos trabalhadores da Faria Lima: roupas de cores clássicas, como branco e azul-claro, para os homens, e saias comportadas e calças social ou de alfaiataria, para as mulheres. Até as meias ultracoloridas são um padrão nesse microcosmo social, o que, todavia, não incomoda aqueles que as vestem. Nesse sentido, um dos entrevistados pelas repórteres da revista argumenta: “Não estou nem aí se são consideradas o ‘uniforme da Faria Lima’. São bonitas e eu gosto” (SOARES; ROSARIO, 2019).

Destarte, Lipovetsky compreende que esse estágio do capitalismo traz o estilo para todos envolto numa atmosfera *kitsch*, disseminando novas estéticas e democratizando o acesso

aos bens de consumo, bem como, a era hedonista da leveza consumista multiplicou as ofertas de conforto, facilidade, comodidade, prazer e bem-estar material. Assim, “são lógicas que significam o advento de um sistema-moda que governa a ordem da produção das necessidades”, afirma Lipovetsky (2016, p. 34).

Com efeito, a leveza material ambientada num universo consumista corresponde à procura perpétua por uma leveza de viver, isto é, de um modo em que a vida se faça menos de obrigações sistemáticas e de responsabilidade em demasia e mais com o prazer do riso e do divertimento. Essa lógica vem procurando penetrar, inclusive, no mundo empresarial, incorporando a leveza lúdica e estética (relações informais, arte, humor, descontração, música, dança, jogos etc) no imaginário social e no cotidiano da produção. Mas, conforme Han (2015), os paradigmas disciplinar e do desempenho sobrepõem-se, não se excluem. O trabalho no viés fordista, do século XX, foi o resultado do projeto moderno civilizatório que repousa na técnica constituinte das máquinas e na lida com elas. Por sua vez, o pós-fordismo, paradigma do desempenho, não se desvinculou dessa herança histórica do grande peso das sociedades industriais, pois o sujeito do desempenho, mesmo atuando por mecanismos flexíveis, ainda continua sendo o sujeito da disciplina, houve uma soma e não uma substituição de atribuições. Corpos e mentes devem ser postos a laborar, a exigência da performance profissional pesará invariavelmente sobre o clima ameno, agradável e desprezioso da leveza.

No entanto, para além da maquinaria técnica, o trabalho está inserido em meio a dispositivos pesados de controle: religião, pátria e dever moral. Assim, o espírito da leveza encontra ainda muitas sanções e dificuldades para se estabelecer na contemporaneidade, sobretudo, quando se leva em consideração as cobranças de alto desempenho que hoje mais parecem interiores do que exteriores ao indivíduo. Há, portanto, uma interiorização da normatividade que clama por alta performance na atividade laboral. Um dos entrevistados na matéria observada confessa às jornalistas: “Tenho cara de velho porque o mercado estressa a gente”, ri. “Mas para mim nem é trabalho, é minha paixão.” (SOARES; ROSARIO, 2019).

Assim, paradoxalmente à leveza, por mais concreta e observável – seja nos corpos esguios, seja na comida *light*, seja nos objetos ultraleves, reluzentes e sem fio – a existência parece pesada. Os sinais de cansaço no corpo denotam os limites da civilização da leveza e talvez por isso a política não invista mais em monumentais utopias. Diante de um corpo esbelto, mas medicado e cansado, não resta mais tanta força para perseguir sonhos abstratos e disputar com organização criativa algum cenário melhor.

No circuito da leveza, em que as utopias foram perdidas ou desencorajadas pelo tempo, Lipovetsky (2016) menciona o surgimento do culto ao mercado, ao hiperconsumo, ao capitalismo global e seus mantras de: flexibilizar, reduzir, aliviar, moderar. No pós-fordismo, demoliram-se os muros das gigantescas fábricas e preferiu-se os vidros que possibilitam a comunicação entre equipes de trabalho. Os escritórios tendem a ser menores e possibilitam

a cooperação entre pessoas que trabalham em *home office* e ambientes de *coworking*⁴. Muitas vezes, equipes enxutas, relações de trabalho esporádicas e a ausência de contratos dão o tom do capitalismo na atualidade, que exige do trabalhador cada vez mais desempenho numa fatia menor de tempo. Seriam estas, certamente, as faces ocultas da leveza-mobilidade.

Como se pode observar, a civilização da leveza permitiu que alguns empregados gozassem de certa flexibilidade, seja no lugar de trabalho ou no cronograma de suas atividades. Um conjunto de trabalhadores, aos ventos da comunicação em rede, creem-se livres como nômades digitais que percorrem precariamente numa ânsia de tornar a vida mais leve. Essa flexibilização seguramente era impensável numa modernidade “sólida”, pois essa era conduzida por um engajamento mútuo. Já o presente parece ser a época do desengajamento, da fuga fácil e da perseguição inútil. A modernidade líquida dirige “os mais escapadiços, os que são livres para se mover de modo imperceptível”, escreve Bauman (2001, p. 140).

Na contemporaneidade, a leveza-frívola do consumidor chega a ser uma aspiração do universo profissional e digna de admiração já que, muitas vezes, foi incorporada e é instigada pelas próprias empresas. “Não importa se a pessoa vem trabalhar de pantufas”, brinca Weider Campos, diretor de recursos humanos do Facebook (SOARES; ROSARIO, 2019). Assim, o convite ao leve atua investindo cosmeticamente os ambientes de trabalho, como empresas de comunicação digital, agências de publicidades, barbearias e varejos de todo tipo. O lema parece ser um só: é possível divertir-se trabalhando. A ideologia do bem-estar consumista chega as aspirações do trabalho em que “toda parte o real se constrói como uma imagem, integrando nesta uma dimensão” estético-emocional (LIPOVESTSKY; SERROY, 2015, p. 11). Com efeito, a dimensão do prazer é incorporada ao trabalho.

Isso se reflete nos escritórios contemporâneos, supercoloridos, com bancos, geladeira *vintage*, com cafeterias *gourmet*, sem paredes, nem divisórias etc. Há pouco tempo isso seria apenas mais uma descrição fiel de uma bem-sucedida agência de publicidade, mas escritórios do tipo “superlegais” ou “divirta-se trabalhando” ganharam adeptos em diversos ramos da economia. Os mais icônicos são os escritórios das empresas de tecnologia como: Google, Apple, Microsoft, Riot Games, Mozilla, entre outras. As jornalistas Ana Carolina Soares e Mariana Rosario (2019), que assinam a matéria aqui tomada como exemplificadora dos fenômenos em discussão, comentam que até mesmo “o banco mais tradicional do país virou moderninho como uma ‘asset’ ali na Faria Lima. Há casulos coloridos e estofados para reuniões, teto com o pé-direito alto, sem forro e com canos aparecendo, e até balanços como cadeiras”.

⁴ *Coworking* é um modo de realizar novas dinâmicas de ambiente de trabalho. A ideia é oportunizar um espaço para pessoas que trabalham de forma independente, permitindo o compartilhamento de conhecimento e o estabelecimento de relações pouco institucionalizadas e burocráticas.

Figura 2: Bradesco “moderninho”



Fonte: Soares & Rosario, 2019 (On-line)

A estetização de empresas tradicionais, como os bancos (Fig. 2), opera a partir da união entre arte, arquitetura e mercado e exemplifica bem o caráter do que Lipovetsky e Serroy chamam de “capitalismo artista”, que “liga o econômico à sensibilidade e ao imaginário (...) [e] se baseia na interconexão do cálculo e do intuitivo, do racional e do emocional, do financeiro e do artístico” (2015, p. 43).

Enquanto isso, as empresas contemporâneas parecem encabeçar uma *economia do leve*, a que se refere Lipovetsky (2016), tensionando e até mesmo superando as dinâmicas anteriores de produção, inclusive energética; de modo que a energia limpa dos ventos ou do sol é apelo das novas sedes empresariais, como faz questão de lembrar o filósofo. Entre outros desdobramentos, esse tipo de capitalismo criativo, transtético, parece ser mais dependente de uma capacidade cognitiva e de comunicação para realizar efetivamente suas atividades, e seus produtos e serviços são guiados pelos preceitos da leveza material, do design. Por isso mesmo, a vida não escapa mais do trabalho. Nessa produção, as ideias e o conhecimento de cada um são utilizados, ganhando certo protagonismo e ditando a ordem de monetização do dia. O trabalho mudo é atualizado pelo trabalho comunicativo, no qual o bom relacionamento com os demais deve vir acompanhado de um currículo considerável, de desenvoltura, de educação e de certa elegância no trato com os clientes.

Não à toa, tal estetização de si, em torno da maneira de produzir (específica de um capitalismo criativo), parece andar lado a lado com a estetização da arquitetura e do design. Aqui, espaços são elaborados para vender felicidade e exaltar um estilo de vida digno da civilização da leveza. A partir de uma leveza imaginária sob o signo do *fun* – na qual uma perspectiva do lúdico, funcional e leve é levada a cabo – espera-se que haja mais interatividade e sinergia entre os funcionários, como confessa o vice-presidente do Bradesco às repórteres de Veja SP (SOARES; ROSARIO, 2019). A questão que se coloca é: o que está sendo promovido é uma leveza para o funcionário ou para o ambiente? De fato, um ambiente agradável para a rotina do trabalho é importante, acredita-se que tenha um impacto na produtividade, no entanto, aquela estetização pode mascarar outros elementos imprescindíveis como: melhores salários, oportunidade de ascensão, bem-estar, respeito, relação de confiança etc.

A plasticidade leve do espaço pretende desenvolver uma atmosfera sensível e emocional, que guie à felicidade e ao despojamento. A despeito disso, bem como de todo alargamento do consumo, a vida parece ser ainda marcada pelo cansaço, a sentir pelas dificuldades e sanções a rodo que cercam trabalhadores. Apagando as pegadas da política, o mercado triunfa à medida que investe numa capacidade lúdica de leveza, que vai de uma indústria do entretenimento, à arquitetura e ao design, pretendendo render os desejos. Afinal, a descontração e o hedonismo são típicos desta época.

Ao mercado parece competir o papel de mediador que conquistou na civilização da leveza às custas da sedução e da frivolidade. Uma leveza que se sente tanto pela dimensão ultraleve dos objetos de consumo quanto pela democratização do universo do divertimento, pela música e pela televisão. O empobrecimento da subjetividade que atinge a civilização da leveza, isto é, a impossibilidade de criação para além do mercado da sociedade contemporânea, tem o seu preço.

À medida que as singularidades permanecem nubladas, o vigor do mercado pesa sobre as vidas dos gerenciados, que têm de seguir o estilo *up* da decoração e do design dos escritórios que habitam, ou seja, adotar rotinas de proatividade, fazer sempre mais rápido, liderar e cooperar com alegria e motivação, mesmo que com menos pessoas. Com efeito, trata-se de um paradoxo bem-acabado digno de um capitalismo que conduz a experiências de consumo singulares ao mesmo tempo que aceita apenas uma leveza meramente cosmética como valor organizador da vida. Tal fato pode explicar como o cansaço é indissociável no caso de uma civilização da leveza.

Na vida-trabalho, leveza e cansaço são faces da mesma moeda

Seja em meio a uma arquitetura, a uma economia ou mesmo a uma incorporação de objetos ultraleves, demonstrando a face multiforme da civilização da leveza, o leve parece cosmeticamente adentrar e experimentar com intensidade os meandros do trabalho, isso não sem ambiguidades. As tarefas imperativas de atuar com o máximo de performance, de ser

dinâmico, de ser criativo, de ter autoconfiança em si mesmo, como bem diz o *coaching executivo*⁵, por mais que estabeleçam uma produção diferente e específica, acabam por reconfigurar o labor no contemporâneo, sincronizando-o mais com o cansaço do que com uma condição melhor de vida. Assim, “a proliferação dos dispositivos leves não consegue eliminar o mal-estar, o estresse e a degradação da autoestima gerados pela influência das normas de desempenho” (LIPOVESTSKY, 2016, p. 298). Portanto, a civilização da leveza estabelece relação íntima com os apontamentos do filósofo Byung-Chul Han em *Sociedade do Cansaço* (2015).

O ponto de conexão está sobretudo no hiperdesempenho e na condição subjetiva dos indivíduos que estão imersos na civilização da leveza e na sociedade do cansaço. Uma subjetividade que é trabalhada e modulada a todo momento para acomodar uma vida que é inteiramente permeada pelo trabalho. Portanto, com uma vida tomada pela performance e pelo desempenho se conjectura um grau de fadiga e de cansaço, a despeito de toda uma atmosfera que insiste em se apresentar como leve – seja a partir da arquitetura, do peso leve dos objetos ou da *fun morality* em voga nos programas de TV ou nas famílias *cool*.

A sociedade do desempenho evidenciada por Han (2015) daria um passo além da sociedade disciplinar de Michel Foucault (1978), pois traz consigo um excesso de positividade que subjuga a negação, imprimindo nos indivíduos os mandamentos de ascensão, de autonomia e de um projeto de carreira extremamente individual. Apesar das tensões, ambas as considerações, de Han e de Foucault, de certo modo se complementam, como se observa no trecho a seguir: “O sujeito do desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito do desempenho continua disciplinado” (HAN, 2015, p. 26). Isto exige um excesso de trabalho, mesmo não estando num local específico: nos momentos de lazer, o indivíduo está sempre administrando seu tempo, tendo que permanecer *online* e alerta 24 horas. Nesse sentido, um dos entrevistados na reportagem de Veja SP confidencia que alia o sofrimento da falta de sono com a busca por mais desempenho: “Sofro de insônia e, em vez de ficar me revirando na cama, chego às 5 da manhã e me informo antes mesmo do boletim da Bloomberg”. Outro entrevistado conta às repórteres que passa, em média, 11 horas de seu dia no escritório e nas demais horas dedica-se a leituras sobre o mercado de ações. “Minha mulher diria que eu trabalho 24 horas por dia”, afirma orgulhoso (SOARES; ROSARIO, 2019).

A postura de alta performance que se adota na rotina profissional pode esbarrar nos limites do próprio corpo e da psique, dado os números de doenças neuronais como a depressão (HAN, 2015). O Transtorno de Déficit de Atenção com Síndrome de Hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe ou Síndrome de Burnout são algumas das doenças comuns de nossa época, caracterizada por uma violência que se faz sobretudo neurologicamente.

⁵ Profissional que realiza processo de aperfeiçoamento profissional e pessoal, visando ao aumento das competências do cliente. Assim, o coaching executivo atende a área de negócios empresariais e seus contratantes podem ser líderes, CEOs ou gerentes, como escrevem Godsmith, Lyons e McArthur (2012).

A questão paradoxal que é transversal ao pensamento de Lipovetsky e de Han é que temos, de um lado, uma cultura que elogia e convida à leveza e, de outro, o ultraliberalismo econômico que não cessa de produzir fadiga, mal-estar e insegurança. A ironia hipermoderna da civilização do leve parece ressoar na sociedade do cansaço, já que mesmo que a leveza seja um organizador social e sobretudo uma exigência antropológica ao longo do tempo, ela não consegue se fazer presente de forma permanente e soberana. O desemprego, a precariedade das rotinas de produção e a vida sobrecarregada andam a passos largos. Além disso, há uma profunda sensação de desamparo no indivíduo contemporâneo.

O que aparece na análise de Lipovetsky (2016) sob os termos de individualização e desamparo, Han (2015) chama de cansaço e inscreve a depressão e o tédio como seus efeitos mais tocantes. Tais preceitos parecem atuar como frutos de uma economia do leve, aquela que tem na desmaterialização, isto é, no domínio do conhecimento para manejar as partículas infinitesimais sua principal prerrogativa. As tradicionais *commodities* devem ceder lugar a objetos ultraleves e altamente tecnológicos se se quer despontar nesse tipo de economia já hegemônico.

Todavia Lipovetsky (2016) parece rivalizar com a análise de Han (2015) ao dizer que nossas sociedades não se apoiam apenas no princípio de desempenho, mas também e especialmente na valorização do corpo e de seus prazeres. Assim, o culto ao bem-estar corporal é apenas uma das manifestações dessa cultura hedonista. A aposta de Lipovetsky é que o novo corpo contemporâneo seria mais abrigo do prazer e da leveza do que do desempenho, pois o presente se impõe como eixo temporal expressamente dominante. Desse modo, os desejos de leveza e bem-estar são colocados sempre no agora, no presente, muito embora o *carpe diem* não pareça aliado do corpo magro. Então, Lipovetsky (2016, p. 84) conclui que o nosso modo de pensar presentista predomina mais que a cultura do desempenho.

Ao passo que Lipovetsky afirma que as cobranças coletivas diminuíram, Han diz que isso é resultado de uma perspectiva *intra* e subjetiva que chega ao poder. A guerra é consigo mesmo, uma guerra internalizada. No mundo do trabalho, o que dita a regra é a intensificação da concorrência, a cultura de avaliação individualizada, sempre sob um espiral de competição, que exige uma maximização da performance. O recuo da leveza de ser coaduna com a cultura empresarial hipermoderna que quer tanto chefes quanto empregados sob pressão e repercute a saturação da informação. O verniz que cobre a vida leve não demora muito para apresentar suas nuances mais caras. Por debaixo da fina e polida camada de prazer, estão os sulcos de performance e de desempenho. No contemporâneo, leveza e cansaço são faces da mesma moeda, vide o avanço das doenças neuronais e da medicalização.

Considerações finais

A civilização da leveza surge e é substancialmente ligada aos movimentos do capitalismo contemporâneo, sendo resultado de um aprofundamento da análise de seu cunhador. Desse

modo, em *Felicidade paradoxal*, Lipovetsky (2007) traz historicamente três ciclos do capitalismo. Após o nascimento dos mercados de massa, entre 1890 e 1950, e o consumo emocional ou o consumo por distinção, entre 1950 a 1970, vem o ciclo de hiperconsumo. Neste último, estabelece-se mais um *consumo para si* e menos um *consumo para o outro*. Consumir é uma experiência de prazer desopilante. É a vez de uma nova moralidade, calcada no trabalho e no divertimento, e de uma nova economia psíquica que leva a cabo a civilização em que tanto a leveza quanto o cansaço são igualmente celebrados – como se pode ver nos relatos dos “Faria Limers”, coletados para a reportagem de Veja SP.

Corre na contemporaneidade uma nova maneira de viver e lidar com a família, a pátria e com os ideais. A perspectiva do poder e da política diante da civilização da leveza é transformada. A força da leveza é dada pela sua presença ubíqua e multiforme no contemporâneo. Uma leveza que sai de vez da clausura antes estabelecida pela filosofia e pelo budismo para ser glamourizada em produtos audiovisuais e textuais de empresas midiáticas. Essa leveza que se pretendia sábia pelo gosto de viver com equilíbrio abraça com vigor o hiperconsumo, o hedonismo e, por conseguinte, o cansaço do desempenho.

Esse projeto civilizatório do leve tem seus princípios: a tecnociência, o mercado, o individualismo. As transformações técnicas contínuas no mundo dos objetos, com ênfase na predominância do leve, nos processos de miniaturização, desmaterialização, voltados para o reino do infinitamente pequeno, do micro, do nano e o imaterial, têm reflexos no trabalho, na economia e na produção, mas também estimula novos horizontes de poder e ameaça à política.

Com efeito, o que nos faz mudar de civilização não é mais o trabalho mudo ou fordista, mas a positividade do nanopoder, ou seja, o domínio sobre as partículas infinitesimais, o domínio do imaterial. Conhecimento sobre as nanopartículas é fundamental tanto na produção quanto na economia, pois atua sempre numa perspectiva muitas vezes imperceptível e caminha para a desmaterialização. Com a miniaturização dos *chips* e a forte presença do digital, desenvolve-se a *Internet of everything* (Internet de tudo), que supera a *Internet of things* (Internet das coisas), provando que a conectividade e a mobilidade são motivos que orientam as condutas pessoais, engendrando uma economia psíquica e subjetiva bastante específica, digna da civilização do leve.

Se estamos num frenesi da leveza-mobilidade, velozmente nos deslocando ou mesmo nos comunicando com o mundo de um só lugar, deixando soprar o nomadismo digital, permanecemos sempre conectados a nossos compromissos, cada vez mais dispostos numa rede de afetos em fluxo. O trajeto feito não acontece sem deixar pegadas e ser a todo tempo interpeladas por *big data*. Assim, a análise maciça dos dados realizada por *big data* pode indicar os passos e as decisões futuras com maior precisão.

Para Lipovetsky (2016), isso tensiona os preceitos do biopoder e atualiza as condições da microfísica do poder, ambas noções de Michel Foucault. Timidamente, Lipovetsky mensura que o poder está mais no arranjo das nanopartículas e na inovação e na rentabilidade que isso pode

causar, do que numa política que frisa apenas os corpos da população e seus desdobramentos relativos à saúde, higiene e natalidade. Neste rumo, estamos imersos num governo das partículas muito pequenas que dão o tom de uma microfísica do poder devidamente atualizada e expressa, não mais em instituições bem delimitadas, mas nos fluxos dos dados.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 2009.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.
- GOSDSMITH, Marshal; LYONS, Laurence S.; MCARTHUR, Sarah. **Coaching: o exercício da liderança**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Da leveza: rumo a uma civilização sem peso**. Barueri; São Paulo: Manoele, 2016.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LUPION, Raquel. Veja 20 hábitos simples para você adotar no dia a dia e melhorar sua qualidade de vida. **Zero Hora**, Porto Alegre, 08 dezembro 2018. Disponível em: < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/fitness/noticia/2018/10/veja-20-habitos-simples-para-voce-adoptar-no-dia-a-dia-e-melhorar-sua-qualidade-de-vida-cjpimgeqn0005t0cne72bqbah.html>>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- PARQUE Memorial Japi. 9 maneiras de levar uma vida mais leve. **G1**, 13 julho 2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/especial-publicitario/parque-memorial-japi/a-natureza-acolhendo-lembrancas/noticia/9-maneiras-de-levar-uma-vida-mais-leve.ghtml>>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- OLIVEIRA, Julyana. 11 maneiras de tornar a vida mais leve. **Casa e Jardim**, 20 fevereiro 2017. Disponível em: < <https://revistacasa Jardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Dicas/noticia/2016/10/11-maneiras-de-tornar-vida-mais-leve.html>>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- SOARES, Ana Carolina; ROSARIO, Mariana. Os Faria Limers: como é o jeito de viver de quem trabalha no “condado”. **Veja São Paulo**, São Paulo, 13 dezembro 2019. Disponível em: < <https://vejasp.abril.com.br/cidades/faria-lima-condado-mercado-financeiro/>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

Recebido em 21/02/2020

Aceito em 16/09/2020